

**Universidade Estadual de Campinas**

**Faculdade de Educação Física**

Lucas de Brito Vendramin

Jogos Cooperativos e o Handebol

Campinas  
2004



**Lucas de Brito Vendramin**

## **Jogos Cooperativos e o Handebol**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciado/bacharel em Educação Física.

Prof.º Dtdo. Marco Bettine de Alemida.

Campinas/SP, Dezembro de 2004.

“Quem julga as pessoas não tem  
tempo para amá-las”  
(Madre Teresa de Calcutá)

## RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão da importância dos jogos cooperativos e inter-relações com a Educação Física e o handebol. Utilizando-se das teorias do jogo, jogos cooperativos e handebol, no intuito de aproximar alguns pensamentos e idéias que circundam a área, com os objetivos do incentivo à prática cooperativa.

Para inserir neste debate, desenvolver-se-á a teoria da indústria cultural como contraponto aos jogos cooperativos e sua filosofia, discutindo a competição, a formação do mito esportivo e o papel da mídia. Em um segundo momento, debater-se-á sobre, as possibilidades de rompimento com a indústria cultural, tendo como foco, os jogos cooperativos. Priorizando a formação do profissional, tendo em vista o cenário sombrio que nossa educação se apresenta, desmembrando as perspectivas do esporte como ligado somente à indústria cultural e teorizando novas formas de intervenção, utilizando os jogos cooperativos com uma proposta de educação no handebol.

Os pontos principais de discussões são: a inserção de alguns autores da área da educação física do ensino dos jogos cooperativos, da atuação do profissional e sua prática pedagógica, a interação dos indivíduos dentro da comunidade e escola, debater sobre a exacerbação da competição e possibilidades de intervenção dos jogos cooperativos nas aulas de educação física tendo como foco o handebol.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I.....	8
CAPÍTULO II.....	18
CAPÍTULO III.....	22
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

## *I. INTRODUÇÃO*

Antes de discutir os pressupostos teóricos para a estruturação desta monografia, queria alertar ao leitor os caminhos subjetivos para a construção deste trabalho, como caminhei durante estes longos anos de Unicamp, qual a influência deste trabalho, porque fazê-lo e, principalmente, o aprendizado deste último processo de ensino.

Sempre treinei todas as modalidades, gostava muito da educação física e somente fui conhecer o handebol em 1991, quando tinha 11 anos. Nesta época comecei a treinar sistematicamente em times da região onde morava, este primeiro contato mostra um paradoxo com esta monografia, porque minha formação desde o começo sempre fora voltada para a competição e hoje, escrevendo a monografia, trago os elementos cooperativos. Este paradoxo intrigante mostra a passagem de uma idéia dominante de esporte para outra visão do esporte, o esporte como prática humana, que reflete valores culturais e sociais, não somente o culto ao vencer, mas uma visão de esporte e principalmente do handebol que mostra inúmeras faces.

Não digo que tenha sido fácil esta passagem, principalmente pelas disputas de campeonatos regionais e estaduais em que participei, onde os ideais cooperativos estão anos luz dos treinadores e jogadores, mas este processo evoluiu com o tempo, com a própria competição, aliado ao início da minha experiência com a escola.

A escola é um local rico para a transformação do olhar no esporte, nela assistimos a inúmeras mudanças, seja no aluno e no próprio professor. Como estagiário aprendi muito a ver no esporte elementos mais integradores e vendo como poderia transformar o culto à competição em algo mais coletivo.

Nestas tentativas de descobrir esta coletividade que comecei aplicando o ensino dos jogos coletivos de Bayer, Garganta, entre outros nas minhas aulas. Lógico que este uso não foi fácil, cometi muitos erros, deslizes comuns por muito tempo na pratica do esporte voltado para a competição, como exigir alta performance, ou mesmo usar termos típicos dos técnicos. Estes deslizes são explicados pela quantidade de tempo que pratiquei o esporte em clubes, não foi totalmente solucionado, pelo menos tenho consciência das minhas falhas.

Para quem conhece a teoria dos jogos coletivos e um pouco dos jogos cooperativos sabe que a passagem de um para o outro é tranqüila, já que as regras de ambos não são rígidas, a idéia de fazer o movimento e não vencer e principalmente permitir a intervenção dos alunos na própria atividade. Estes elementos foram tranqüilos para incorporar a cooperação. Utilizei muitos jogos coletivos retirando a idéia de competição. Denominado por Broto (1999) de jogos semi-cooperativos , esta passagem foi a grande diferença das minhas práticas.

Os alunos receberam muito bem os jogos coletivos, talvez porque o handebol não seja um esporte dominante e mais tranqüilo para trabalhar com a inovação diferente do futebol, ocorrendo assim a participação dos alunos que as vezes pediam jogos cooperativos dentro das minhas aulas.

O que me chamou a atenção é a dificuldade de controlar a turma, já que a rigidez das regras é menor sempre vivia um estado de anarquia que somente com muita conversa foi possível transformar esta situação.

Pode ser que este seja alguns dos problemas de usar os jogos coletivos, os professores não conseguem lidar com estado de descontrole, preferindo atividades fixas dirigidas e controladas, típicas do militarismo da educação física.

Queria acrescentar para os futuros professores que mesmo tendo vontade, conhecendo as teorias a educação física, como muitas outras práticas, esbarra em um grande problema a

instituição escola. Muitas vezes, ela mesma limita a atuação do profissional, formando times competitivos, não deixando que as aulas sejam um pouco menos controladas, ou mesmo que os alunos participem ativamente do processo educacional. Julgo importantíssima a abertura da escola para implantar os jogos cooperativos, com certeza sem esta abertura o processo não ocorreria, já que eu teria que vencer muitos obstáculos: a instituição, os alunos e meu preconceito.

Para finalizar gostaria de dizer que é possível pôr em prática muitos dos estudos da faculdade, questões teóricas podem ser aplicadas sim, esta passagem e este reconhecimento é que diferenciará os profissionais de educação física.

## *CAPÍTULO I: educação física, jogo e esporte de massa.*

A preocupação como professor é de estimular na comunidade escolar a reflexão crítica sobre o conhecimento empírico, ou pelo menos deveria ser, valorizando o universo cultural do aluno, através das suas práticas corporais, já que estas podem ser utilizadas como forma de resistência ao processo de desmantelamento da cultura local, de degradação do seu ambiente e da desvalorização de seus ritos e símbolos. Neste contexto, percebe-se a vivência de uma cultura de massa, definida nas palavras de MORIN, (1997,14) *“Cultura de massa, isto é, produzido segundo as normas maciças da fabricação industrial; propaganda pelas técnicas de difusão maciça; destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos...”*.

A contradição é clara, pois, ao mesmo tempo em que o papel do professor é o de valorizar o universo cultural do aluno, este universo está permeado pelo esporte de massa. Este esporte de massa reprime este ser latente, professor e aluno, criando uma estrutura, uma massa social que deseja as mesmas coisas que esse esporte de massa reproduz sistematicamente. Criando um mercado consumidor pobre de idéias, contudo, ávidos por consumir o esporte desta forma. Neste ponto vale ressaltar que o handebol que será enfatizado neste estudo, por não ser tão difundido no Brasil quanto as demais modalidades tradicionais, sofre uma influência menor dessa indústria do esporte de massa.

As engenhocas, os produtos inventados e reinventados pela estrutura de produção material, mercantilizam a própria estrutura social, isto é, transformam de igual maneira um objeto, uma idéia ou um corpo em coisas a serem consumidas. Neste diálogo surdo com a

velocidade da criação sem espírito, incide a exacerbação de uma estrutura arraigada na velocidade de consumo, com esta velocidade, ocorre uma desapropriação fácil e mecânica, assim as coisas possuem vida curta e vontade instável, porque a própria utilização deste é volúvel, momentânea e desnecessária para boa convivência. Isto é, a reprodutibilidade material e técnica se reproduzem na convivência humana para uma relação mecânica na troca entre o mundo social e seus pares, dificultando ainda mais o papel do educador.

Desta pequena introdução do esporte de massa, podemos nos por duas perspectivas de análises que se resumem em duas frases: a primeira o homem não se coloca problemas no qual não se pode responder dentro de uma perspectiva histórica. Segunda, a intenção de inserção à cultura de massa, como um caminho unilateral na apresentação e incorporação de símbolos, assim este fenômeno se aproxima ao próprio consumo sem incorporação do objeto e coisas na sua totalidade. As ações humanas são deformadas, ou melhor, reformadas pela vivência em um mundo tecnológico, que possui *relações efêmeras* na reprodução técnica.

A cultura de massa é integrada dentro de um canal difusor de comunicação, as imagens são talhadas e vozes são sistematicamente reproduzidas em um mundo com olhares humanos tendenciosos, que demonstram facetas da realidade fragmentadas, como o próprio mecanismo de difusão é por essência. As reproduções técnicas são mudadas pelo mundo virtual, a reprodução e a técnica suprimem a própria intenção artística, a tecnologia pela fascinação do diferente inerente ao ser humano, dificulta a reflexão do conhecimento técnico. Assim as máquinas inserem-se nas casas das pessoas invadindo um mundo pessoal e transmitindo o igual. Não é somente a tv, os programas, os jornais e as revistas, mas a tudo que se relaciona à reprodução técnica no mundo contemporâneo.

Quando se amplia o campo de atuação da ação de intervenção, percebe-se como é permeada nas pequenas relações uma idéia de ação voltada ao tecnológico. A crença na

tecnologia e ao processo tecnológico, parte integrante da massa cultural e reprodutiva, não pode ser execrada pela simples utilização técnica que o humano faz dela.

O computador, o rádio, a televisão não são um mecanismo em si próprios de uma sociedade competitiva, ou cooperativa. Mas sim, os meios de comunicação e suas formas de utilização representam a contradição inerente ao humano, ou neste caso uma sociedade competitiva.

O mecanismo de comunicação serve para ativar a bomba atômica, ou criar novos meios de proteção ambiental. Então o que deve ser proposto é entender que não a técnica, mas sua utilização é passível de crítica negando a reprodutibilidade técnica como algo ligado a toda a técnica humana criada (ALMEIDA, 2002). E não colocar os sistemas e a tecnologia como além do humano, isto é, endeusamento da tecnologia. Mas sim, colocarmos neste diálogo um divisor de águas, no que se refere à apropriação do conhecimento e o material em si, preocupando-se com a forma de apropriação de todas as coisas, de utilização dos mecanismos de massa, da reprodução no calor da história deste mecanismo.

Quando se pensa na difusão das imagens de competição, da sexualização, da violência, não se deve pensar que isto é ruim pela essência do meio de comunicação, mas é como os homens constroem a relação com este meio de comunicação. Por isso o emprego da expressão cultura de massa é correto, pois quando se designa o termo cultura estamos trabalhando com uma totalidade, e, nesta totalidade as relações dos homens, nesta troca criam-se símbolos, vontades e imagens. Analisar o humano, sobre outro foco, como mero consumidor do mundo moderno, é descaracterizar a característica humana de racional e por conseqüência distanciar a busca da emancipação. Pensar qualquer outra coisa sobre a ação do homem em sociedade é pensar uma estrutura estanque e fragmentada, pior, sem ação no social.

Nestas linhas, percebe-se o caminho ofensivo dessa invasão cultural, os meios e formas de coíberem a construção de mecanismos internos não possibilitando a continuidade do universo cultural local, impondo de maneira destrutiva modelos de ações sociais. O modelo da indústria cultural contém formas corretas de se viver. Viver o mundo das imagens e linguagens industriais.

Quer dizer que a apropriação de tal modo é consentida pela população, que as tradições são jogadas e incorporadas de modos distintos. Esta visão ampla do social, afirma que a reprodução é de responsabilidade dos próprios atores inseridos. Não se pode impedir de maneira alguma o contato, mas vive-se um dilema de entrar em contato com outras culturas, pois quando se critica o desmantelamento da cultura local, não se colocam obstáculos para a troca, mas sim a falta de troca que existe neste encontro. A troca entre modos de produção distintos, ou mundos da vida contextualizados, permite o crescimento intelectual, político e social da humanidade, todavia, as culturas de modo geral estão perdendo as suas características peculiares para uma forma “americanizada” de se viver, por exemplo. Logicamente a interpretação do novo ocorre a partir do velho, contudo neste movimento de interpretar o novo pelo velho sistematicamente não permite a confluência do que é referente à cultura local, pois a velocidade e a evolução do novo descaracteriza as tradições fundamentais do velho, ocorrendo uma interpretação do novo pelo mais novo. O novo deveria suceder o velho sem sepultá-lo.

Como obter uma relação plausível, entre a integração da velocidade, a interpretação do novo e a valorização da cultura local, podemos perceber que a desvalorização da cultura local, não ocorre tão mecanicamente como foi exposto nas páginas iniciais deste capítulo. Pois o mundo da vida, que é o mundo da cultura, da troca, do aprendizado, da linguagem, é muito mais complexo que apenas uma estrutura de aprendizado dominante. Neste sentido percebemos a existência de um movimento cultural “universal” a procura deste individualismo afirmativo da

indústria cultural, a crença nesta individualidade (que beira o individualismo), juntamente com a possibilidade parcial de interpretação dos símbolos, revela suas intenções, ao pensar que seu juízo representa a sua vontade e o que ocorre é uma ilusão nestas possibilidades de ir além do mundo que lhe é imposto.

A estrutura inteira move-se de acordo com o direcionamento da livre escolha, livre escolha também direcionada para um modelo de consumo. Estamos apresentando um mundo sem volta onde apenas o modo de reprodução prevalece, pois a sua escolha, mesmo sendo original, requer um mundo todo a sua volta que produz seu objeto de desejo, ou dá as condições materiais que permita a constituição do desejado; aquilo que forma a sua essência do querer também é insuflado pelos mecanismos estéticos e técnicos da aquisição dos objetos para seu prazer. O querer é intermediado pelo poder ter (ALMEIDA, 2002).

Por isso o esporte de massa constrói as necessidades que já podem ser supridas, permitindo às pessoas pensar que a vontade é apenas subjetiva. Assim, o consumo é integrado a uma estrutura social marcada pela contradição, onde a individualidade inerente ao social é mascarada por um painel de escolhas completamente unilateral. A indústria cultural é ávida por processos tecnológicos, onde tudo se transforma na velocidade das imagens, desejosas por querer o diferente dentro de uma estrutura igual.

Uma racionalização e burocratização tomaram espaço nos esportes tradicionais, os quais igualmente apresentam uma homogeneização, obedecendo a um ambiente disciplinar e controlador. A noção de Record, entendida como avanço ou superação de metas, participa originalmente de uma idéia linear, unívoca e progressista da história, identificando uma melhora. (BRUNHS, 1999p.23).

A cultura no sentido mais amplo integra-se em diferentes mecanismos de ação, eles perpassam pelo universo simbólico no qual o agente vive. Onde o corpo, como parte integrante

da incorporação, materializa um espaço para a troca, assim, o corpo é o primeiro filtro da simbologia em diferentes níveis, seja através dos sentidos, ou experiências. Na formação do universo cultural, têm-se diferentes níveis de compreensão nas formas de aprendizado, na influência do meio e nas formas de relação. Todas inseridas em um invólucro crescente de simbologia.

As respostas aos questionamentos remontam ao entendimento do corpo como canal de filtragem do universo cultural. O homem adquire um corpo parcial ao se inserir em um mundo veloz e fragmentado. Pois se ele, homem, incorpora os objetos na velocidade sem reflexão, também o seu corpo que é extensão da sua totalidade fica parcializado. Esta colocação nos remete aos corpos esportivos e sua estética. Formas de ligação do corpo no mundo também pela velocidade. Reafirmando o modelo dominante de interpretação da realidade.

Estes talvez sejam os pressupostos mais sólidos para inserir na discussão a educação física, como ciência que estuda o corpo na sua totalidade, entendendo as formas de incorporação dos símbolos e a inserção do agente no universo cultural e mundo social, concomitantemente, no entendimento externo-interno contraditório do homem no mundo.

Na educação física há o debate da questão de recordes, da moldagem de um corpo ideal competitivo, ideal este que deve ser combatido pelo profissional de educação física uma vez que cabe a este profissional introduzir elementos que valorizem a cultura local e caminhem na direção contrária da prática atual baseada em futilidades e consumismos do esporte de massa e da indústria cultural.

A aproximação de um jeito certo ou errado de ser, partindo de um padrão imposto pelo esporte de massa é visualizado nos corpos caminhantes pelas ruas, shopping, faculdades, escolas. Os limites da padronização não são muito claros, pois se confundem com a questão da qualidade de vida, todavia existe a influência todos os dias dos meios de comunicação de massa,

com fotos, imagens e propagandas. Dentro desta perspectiva de estética, do culto ao vencer, da perfeição, da velocidade, percebemos a força que o mesmo possui na nossa cultura e a interferência que fazem no processo ensino-aprendizagem.

Contudo, o grande problema que assistimos é o culto exacerbado, tornando o corpo mercadoria de venda, pensando que o esporte e sua prática só podem ser competitivos, pensando competição em um sentido amplo, desde a competição de alto nível aos amadores, à balança, a sua amiga que é mais ajeitada, refiro-me à competição cotidiana, inserida no debate sobre as ações estratégicas. Parece que toda a prática esportiva minimamente se aproxima a este mundo “competitivo”. (ALMEIDA, 2002).

Podemos pegar o exemplo na introdução deste trabalho, onde se comenta sobre a questão da incorporação dos jogos, sua minimização em esporte e a exacerbação da estrutura esportista e competitiva. Por isso, a proposta deste trabalho, dos jogos cooperativos, pois se espera que minimamente nas ações dos professores que não contemplem ações estratégicas, consiga inserir em alguns momentos nos alunos algo diferente que reproduzimos no esporte de massa. Entender a relação no jogo como possibilidade de cooperação, não a cooperação para o vencer, mas de simplesmente jogar sem o olhar de dominar ou ser o melhor.

Contudo, o jogo ligado aos padrões esportivos e o esporte ligado a mídia, demonstra um casamento perfeito, que afasta e muito às possibilidades de inserção de qualquer perspectiva libertária.

A dúvida que aparece é se existe possibilidade, ou, possibilidades de ações dos professores para a mudança desta situação, porém, ocorre que a própria situação muda constantemente, isto é, a velocidade da criação sem reflexão do esporte de massa é mais veloz do que passa a transformação individual e consciência coletiva dos professores.

Acredito que a esportivização se insere em um mecanismo maior do esporte de massa, por isso sua perspectiva no mundo contemporâneo é dependente à mídia. Mas, no limite parece que o esporte, no sentido que temos hoje, só existe a partir de um desenvolvimento do esporte de massa. Pois, o esporte se insere na vida das pessoas, no cotidiano e na formação pessoal, como reprodutor do esporte de massa. O esporte competição nasce conjuntamente com a revolução industrial, a técnica, o poder e a vontade de ser mais rápido e melhor, é um “prato cheio” para a inserção do esporte no mesmo movimento de evolução da técnica e da estrutura rígida da burocracia esportiva.

Desta perspectiva do culto ao vencer, não somente o vencer se insere nas práticas esportivas, ou mesmo, nas práticas com fins últimos na estética. Temos também a inserção do desejo, pois o esporte cria imagens e heróis que complementam o círculo na criação das vontades. Este mito, esta criação, gera o conflito da reciprocidade e da auto-imagem, este é mais uma forma de aproximar a imagem do esporte à imagem estéticas que encontramos no mundo social.

Esta criação de imagens, descentra o indivíduo do seu auto-conhecimento, do seu limite enquanto sujeito, que possuiu um corpo que deveria ser diferente tão quanto as suas características psicológicas.

Já estamos acostumados com estes pressupostos, pois já somos o esporte de massa, Isto é, os produtos adquiridos pelas técnicas e tecnologias já foram apropriados por nossos mecanismos internos e nossas vidas. Todavia, em outras comunidades, esta síndrome da aparência estética fica mais crítica, porque há o limite do estar dentro do padrão e assumi-lo e o exemplo das comunidades carentes, migrantes das grandes cidades, nas conurbações urbanas e periferias onde se quer imitar o padrão estético dominante criado por eles sem ter as condições mínimas materiais para fazê-lo.

Pois um movimento e a incorporação dos objetos do esporte de massa de quem faz parte da criação deste, isto é, a elite que detêm os meios de comunicação cria os produtos para a sua classe, o outro é a reprodução na cultura de massa destes mesmos objetos por uma classe que não representa esta criação, esta só representa a reprodução. Cabe aqui ressaltar que os meios de comunicação reproduzem um culto exacerbado ao corpo tornando-o mercadoria, o que interfere diretamente no processo ensino-aprendizagem e emperra a busca do profissional de educação física por uma educação mais ampla e isenta de valores apregoados pela mídia.

Surge desta perspectiva apontada a pergunta que move o trabalho, existe uma forma de não reproduzir o esporte de massa e seu padrão competitivo na educação física e no handebol e seu padrão estético? Pois, os jogos infantis, já reproduzem e induzem as crianças à competição, os pais inseridos no mundo do trabalho competitivos também introduzem o culto ao vencer, pois estão permeados pelo esporte de massa. Isto acontece porque os jogos são também históricos e sociais; todavia se acreditamos em uma mudança de ótica, no poder de emancipação, neste sentido, podemos pensar os jogos cooperativos como uma possibilidade de ir além dos limites permitidos de reflexão, de cooperação, de igualdade, que o esporte de massa pode dar. Tentando minimamente não reproduzir, o espaço competitivo em que vivemos, isto é tarefa difícil. Conseguir superar um padrão estético-cultural é a intenção de qualquer educador como Paulo Freire.

Contudo, deve-se salientar e oferecer um ponto de luz, um caminho e uma possibilidade de intervenção na escola, onde a ferramenta do professor é viável, que é sua prática pedagógica.

Podemos pegar como exemplo nas práticas de handebol o uso da cooperação combatendo as idéias de competição. Apesar do handebol ser um esporte que sofre menos influência da mídia que o futebol, temos ainda um amplo consumo do handebol para seus

praticantes, um público seletivo que consome tênis, marcas, modelos e estruturas impostas pelo sistema.

Exatamente por ter este distanciamento da indústria cultural, o handebol é uma prática esportiva que possui uma facilidade de inserção das práticas pedagógicas, o uso dos jogos cooperativos torna-se mais fácil, já que o jogo tende à inovação, permitindo a ampliação das regras informais e também ao próprio ensino do jogo que não é muito difundido. O contra exemplo é o futebol, muito mais difícil de inserir qualquer inovação (ALMEIDA, 2002).

## *CAPÍTULO II: Jogos Cooperativos*

O motivo da nossa preocupação e por conseqüência, do nosso trabalho como professor, é justamente estimular na comunidade escolar a reflexão crítica sobre o conhecimento empírico, valorizando o universo cultural do aluno, através das suas práticas corporais, já que estas podem ser utilizadas como forma de resistência ao processo de desmantelamento da cultura local, de degradação do seu ambiente e da desvalorização de seus ritos e símbolos.

Exatamente por ser um “canal” difusor de imagens e mensagens, a cultura de massa promove um discurso político de exaltação da estrutura social, ocorrendo uma apropriação em diversos âmbitos, principalmente nas instituições que compõe a sociedade, a casa, a família, o clube, a escola. Há, por este mecanismo de controle, uma reprodução dessa difusão e por conseqüência do sistema vigente, tendo como conseqüência o desmantelamento da cultura local e do seu universo representativo. Nestas linhas, podemos perceber o caminho ofensivo dessa invasão cultural, os meios e formas de coibirem a construção de mecanismos internos, não possibilitando a continuidade do universo cultural local, impondo de maneira destrutiva modelos de ações sociais.

Percebemos claramente esta influência dominante no modelo competitivo, no modo como o corpo é tratado e demonstrado pela mídia. Percebemos sua influência todos os dias, com fotos, imagens e propagandas. Dentro desta perspectiva de culto ao vencer, percebemos a força que o mesmo possui na nossa cultura. Mas o grande problema que assistimos é o culto exacerbado, tornando o corpo mercadoria de venda, pensando que o esporte e sua pratica só podem ser competitivos.

Contudo, nós, professores, deveremos estar atentos a esses acontecimentos, que interferem na nossa aula, pois exploram nos alunos, sentimentos de competição, de exacerbação do corpo, da sexualização e da mercadoria do corpo, devido à influência destes pela ótica da cultura de massa. Por isso teremos que na prática diária, no nosso trabalho, promover reflexões e ações, que vão ao encontro desses sentimentos explorados nos alunos. Na visão de Freire (1991:152), o professor é responsável por qualquer ato, e sua ação direciona para uma atitude e postura reflexiva ou reprodutiva:

O professor de educação física tem que se preocupar com este desmantelamento da cultura local, propondo momentos de reflexão e apropriação dos conceitos e ações, distintos dos vinculados à cultura de massa, aproximando os alunos da cultura local e do seu universo representativo.

Nessa mudança de ótica, a idéia é introduzir ao cotidiano dos alunos esta valorização. Para isso, entendemos que o professor na sua prática pedagógica é promotor, ou deveria ser, de uma aproximação e interação do ambiente do aluno aos estudos do corpo em sua integridade, por ser, o corpo, a forma primeira de apropriação, reprodução e materialização de uma cultura.

As práticas corporais são concebidas dentro do conceito de cultura, pois não vemos dissociação entre o corpo e a cultura. Nesse sentido, colocamos práticas corporais como sendo os movimentos do corpo impregnados de significados dentro de um contexto determinado. Assim, trabalhando com o contexto, estaremos valorizando as potencialidades dos alunos em sua integridade.

Para isso, utilizaremos o handebol justamente na abordagem cultural, isto é, discutindo dentro da comunidade escolar as formas de apropriação do corpo como momento reflexivo da ação, qual é a política dominante de moldagem deste corpo, para serem cientes do modelo reprodutivo da cultura de massa. Tendo como princípio que as formas de dominação não

ocorrem somente no âmbito político, mas em todas as escalas, inclusive no que diz respeito ao corpo e sua moldagem.

Os jogos cooperativos (considerado como tema gerador), como possibilidade de prática pedagógica, explorando, neste contexto, a emancipação, como foi discutido anteriormente, dentro de uma perspectiva de educação libertária, pode-se fazer da ação do professor o processo de transformação.

O problema encontrado nas concepções que trabalham com os jogos competitivos é o da preparação para uma sociedade competitiva, vinculada a uma sociedade de massa. Como foi discutido por Morin (1997), exatamente este pressuposto e este raciocínio de “preparação” é que deve ser “combatido” para uma valorização de outra ótica de fazer educação física.

A idéia do fragmento demonstra o porque optamos por um trabalho com os jogos cooperativos, exatamente para não reforçar este princípio, que é o da competição e todos os desdobramentos reprodutivos. Acreditamos em outro tipo de educação, que não conduza para prática dominante, mas a uma prática libertária.

Para a mudança nas aulas propomos a utilização dos jogos cooperativos, pois na sua concepção e conceito, os jogos cooperativos, introduzem a idéia de grupo, de objetivos comuns e de processos, vindo de encontro a nossa intenção de ação na comunidade escolar. Quando as pessoas ou grupos combinam suas atividades, ou trabalham juntas para conseguir um objetivo comum, de tal maneira que o maior êxito de algumas partes concorra para um maior êxito dos demais, temos o processo social de cooperação.

Os jogos cooperativos se preocupam com a inclusão, aproximando do que Brandão (1989) considera uma pesquisa participante, que é o trabalho conjunto e articulado entre o sujeito e o pesquisador da ação, no caso, o professor e os alunos. Fazendo desta interação, o contato para a busca do universo dos alunos para o caminho coletivo de uma ação social, preocupada com a

inversão da lógica dominante, pautada na ação do professor para esta mudança do olhar no mundo e para o mundo. Um olhar coletivo e integrador, acolhendo para suas aulas estes princípios de atuação participativa.

Outro ponto que consideramos relevante é exatamente o impacto que uma atuação cooperativa possui dentro da estrutura social. A idéia do impacto, como diz Freire (1991), é o começo para a conscientização, e a partir dessa, para a transformação. Trabalhando com as revoluções moleculares, iniciando nas estruturas institucionais burocratizadas, como a escola, esta é a melhor maneira de questionar a postura competitiva, contribuindo para uma postura ética, do profissional, de transformação do seu mundo, ou do mundo que faz parte seu universo.

A postura flexiva nestes atos (contrária ao determinismo que nos leva apenas a outro extremo) e que reforça os vínculos sociais fortalecendo as relações comunitárias nos seus aspectos mais primários, acreditamos que a responsabilidade deve começar entre indivíduos e os pequenos grupos que ganharão maior autonomia ao exercê-la. Nessa autonomia, esperamos uma ação social, através da revolução molecular, da flexibilidade e da reflexão, um trabalho coletivo e integrado com os alunos de valorização do seu universo cultural, aproximando-os do sentimento de cooperação.

Para essa mudança de postura e dessa perspectiva de ação, propomos uma busca das revoluções moleculares, das práticas cooperativas e da valorização do universo cultural local, como mecanismos para uma mudança de ótica social. Essa mudança social vai ao encontro dos valores de uma sociedade de massa, veiculando a proposta de uma sociedade muito mais solidária e libertária, criativa na possibilidade do pensar e agir coletivamente.

### *CAPÍTULO III: O Handebol*

Durante minha experiência como atleta por mais de dez anos pude observar que o handebol, apesar de essencialmente amador no Brasil, passou por grandes avanços técnico-táticos ocasionados principalmente pelo intercâmbio e competições internacionais. Avanço este não acompanhado pela área acadêmica, o que me influenciou a estudar o esporte após ter ingressado no curso de educação física e por constatar que o handebol embora sem nenhum espaço na mídia e pouco difundido no Brasil ainda é muito praticado no ambiente escolar e aulas de educação física.

E foi após um longo tempo como atleta e a convivência com vários profissionais que notei a falta de embasamento teórico que norteassem os treinamentos e pudessem levar a um desenvolvimento amplo da modalidade.

Através da aplicação de aulas práticas junto a equipes escolares de ensino fundamental e médio pude observar o processo de ensino –aprendizagem da modalidade e como a atuação do professor exerce forte influência nesse processo, bem como no desenvolvimento técnico e tático da equipe, porém não devemos nos ater somente neste fator de desenvolvimento e sim enfatizar questões mais amplas como o desenvolvimento físico, psíquico e sócio-educativo.

Devido ao pouco referencial teórico e conhecimento prático da modalidade por parte de professores, o handebol adquiriu a fama de esporte violento e agressivo, o que poderia gerar um desinteresse pelo esporte no âmbito escolar. Porém o que se observa na prática é que ainda assim o handebol é uma das modalidades mais praticadas na educação física escolar.

Por tratar-se de uma modalidade pouco difundida e de relativa facilidade prática, o handebol desperta grande interesse nos alunos (as), acostumados apenas com o futebol por ser o esporte de maior projeção nacional. Além disso, o esporte serve, na escola, como instrumento de integração social dos alunos; lazer e entretenimento (quando bem orientado); desenvolve as habilidades motoras (correr, saltar, arremessar, etc.); promove um bom condicionamento físico e inclusão social na escola.

Tendo em vista as características básicas do handebol: sete praticantes (número maior que os outros esportes tradicionais), adequado para todos os biotipos (altos, baixos, magros, obesos, etc.) e praticado com as mãos, a modalidade pode ser ainda mais importante no ambiente escolar para promover integração e socialização dos alunos e alunas.

Durante as aulas constatei que, não devemos deixar de considerar o ambiente escolar e o fator pedagógico em que está inserido e que apesar de não priorizar a inclusão não pode ser tratado como equipe de treinamento. Segundo Bayer (1994) o professor preocupado com a realidade da criança não deve submetê-la em situações muito competitivas, nem esquecer o aspecto lúdico que podem trazer a elas os jogos não institucionalizados. Tratar as crianças como adultos em miniatura com métodos iguais as equipes adultas abafa as motivações profundas individuais e estabelece no seio do processo de formação um desvio dos possíveis benefícios conquistados com a prática dos diversos jogos tradicionais.

Bayer considera o ensino dos jogos coletivos inserido dentro de um contexto histórico, sociológico e filosófico como qualquer outro ramo da ciência, e destaca algumas abordagens deste ensino: abordagem mecanicista centrada no ensino de um repertório de gestos de base; abordagem baseada nas combinações do jogo, enfatizando as formas de ataque e defesa em que cada jogador assume um papel dentro da equipe e o treinador move-o como um robô; a abordagem dialética baseada na competição, na qual, o jogo organiza-se como uma unidade

dialética ataque e defesa e tem resultado dessa oposição como fonte do progresso; a abordagem centrada numa pedagogia de situações que tem como foco o jogador enquanto indivíduo cooperante com seus companheiros, integrado no seio do coletivo e se opondo a seus adversários, e a abordagem da pedagogia das intenções, em que o jogador age intencionalmente para modificar a evolução de uma situação de jogo, explorando sua reflexão tática e seus poderes decisórios.

Garganta sintetiza três formas didático-metodológicas para o ensino dos jogos desportivos coletivos que sofreram diversas influências de várias correntes pedagógicas.

<b>Forma Centrada nas Técnicas (solução imposta)</b>	<b>Forma Centrada no Jogo Formal (ensaio e erro)</b>	<b>Forma Centrada nos Jogos Condicionados (procura dirigida)</b>
<b>CARACTERÍSTICAS</b>		
Das técnicas analíticas para o jogo formal	Utilização exclusiva do jogo formal	Do jogo para as situações particulares
O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, drible,...).	O jogo não é condicionado nem decomposto	O jogo é decomposto em unidades funcionais: jogo sistemático de complexidade crescente
Hierarquização das técnicas (primeiro a A, depois a B, etc.)	A técnica surge para orientar as soluções globais não orientadas	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem
<b>CONSEQUÊNCIAS</b>		
Ações do jogo mecanizadas, pouco criativas comportamentos estereotipados.	Jogo criativo, mas com base no individualismo; virtuosismo Técnico contrastando com anarquia tática.	As técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada.
Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente soluções pobres)	Soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas.	Inteligência tática: correta interpretação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas ações do jogo.

Tais autores dentre outros consideram o ensino dos jogos coletivos dentro de estéticas culturais e é aí que consideramos cabível a inserção dos jogos cooperativos como contraponto a prática vigente, possibilitando uma formação ampla dos alunos enfatizando a visão crítica dos jogadores e acima de tudo a capacidade de tomada de decisões como seres racionais e não simplesmente reprodutores de gestos pré-determinados.

## CONCLUSÃO

Trazendo o debate para o handebol pode-se integrar a ação transformadora ao ensino dos jogos cooperativos, voltados à preocupação dos alunos para o entendimento máximo das formas de ação.

Mas, como conseguir atuar se no cotidiano o professor se insere na indústria cultural, reproduzindo as ações consumistas. Pois a transformação dar-se-á no cotidiano.

As aulas de handebol teriam o papel de aproximar este mundo transformador, para facilitar a comunicação e a apropriação dos mecanismos culturais na sociedade. Em outras palavras, procurar maneiras de inculcar nos alunos princípios que os auxiliem na reciprocidade com os outros. Por isso, nesta conclusão, parto do pressuposto que a relação feita dos jogos cooperativos e handebol é importante para a transformação das aulas e melhoria no ensino da educação física.

Existe um aprendizado que é inerente ao ser humano, como processador do aprendizado para a mudança. A pergunta que fica é: o handebol possui pressupostos teóricos para auxiliar nesta mudança?

A comunicação e a teoria dos jogos cooperativos podem auxiliar na formação de um novo paradigma cultural da comunicação. Para o handebol pode incorporar a discussão das formas de ação e análise do mundo dependente do universo cultural e da ação do indivíduo. As incorporações deste universo dependentes da expressão simbólica, do corpo e da linguagem, são partes importantes do cotidiano.

O handebol propõe para esta intervenção, as facilidades na cooperação, a ajuda mútua e o desmembramento do esporte, deixando de ser entendido como somente competitivo parte inerente da dominação como possibilidade de intervenção pedagógica. A utilização dos jogos cooperativos e a comunicação através dos corpos e das ações motoras possibilitam a intervenção no desejo de vitória, para a participação coletiva. Sendo primordial a participação do educador como intermediador das ações transformadoras.

Contudo, os professores na esfera do mundo do trabalho, devem minimizar os contrastes do consumo e da participação. Permitindo o mínimo de espaço para o entendimento mútuo. Devendo estar atentos a esses acontecimentos, que interferem na prática cotidiana, pois, exploram nos alunos, sentimentos de competição, de exacerbação do corpo, da sexualização e da mercadoria do corpo, devido à influência destes pela ótica da cultura de massa.

Por isso teremos que na prática diária promover reflexões e ações, que vão ao encontro desses sentimentos explorados nos alunos. Na visão de Freire (1991) o professor é responsável por qualquer ato e sua ação direciona para uma atitude e postura reflexiva ou reprodutiva.

O professor de educação física tem que se preocupar com este desmantelamento da cultura local, propondo momentos de reflexão e apropriação dos conceitos e ações, distintos dos vinculados a cultura de massa, aproximando os alunos da cultura local e do seu universo representativo.

Nessa mudança de ótica, a idéia é introduzir ao cotidiano dos alunos esta valorização. Para isso, entende-se que o professor na sua prática pedagógica é promotor, ou deveria ser, de uma aproximação e interação do ambiente do aluno aos estudos do corpo em sua integridade, por ser, o corpo, a forma primeira de apropriação, reprodução e materialização de uma cultura, onde

o diálogo e a jogos cooperativos encontram-se conjuntamente, inseridos na possibilidade de transformação.

A formação ampla, do homem maduro, perpassa pelo reconhecimento das ações para a constituição do consenso, neste afastamento, tanto o aprendizado corporal, quanto à linguagem evoluem para o ensinamento cooperativo.

Para isso, entende-se o handebol justamente na abordagem cultural, isto é, discutindo dentro da comunidade as formas de apropriação do corpo como momento reflexivo da ação, perguntando-se, qual é a política dominante de moldagem deste corpo? Para os profissionais serem cientes do modelo reprodutivo da cultura de massa. Tendo como princípio que as formas de dominação não ocorre somente no âmbito político, mas em todas as escalas, inclusive no que diz respeito ao corpo, à linguagem e sua moldagem.

Pelo corpo ser este primeiro canal de filtragem, sabemos da dificuldade em conquistar uma “educação libertária” e jogos cooperativos, porém, as possibilidades de ações dentro da prática pedagógica são inúmeras. Por isso, propõe-se a utilização dos jogos cooperativos como possibilidade de trabalhar com os alunos nesse universo representativo esquecido, alimentando a criatividade e a recriação do universo dos alunos. Isto porque os jogos cooperativos são distintos da lógica apresentada e revigorada nessa estrutura reprodutivista, possibilitando um trabalho integrado e articulado que toma força, pois, nas comunidades a articulação, a linguagem e o sentimento de coletividade são muito fortes, pois representam o mundo da vida e a jogos cooperativos.

Na sua concepção e conceito, os jogos cooperativos introduzem a idéia de grupo, de objetivos comuns e de processos. Vindo de encontro a nossa intenção de ação na comunidade. Valorização do mundo da vida e do universo cultural. Afloramento da liberdade e perspectiva para o entendimento mútuo.

Os jogos cooperativos se preocupam com a inclusão, aproximando do que Brandão considera uma pesquisa participante, que é o trabalho conjunto e articulado entre o sujeito e o pesquisador da ação, no caso, o educador e os alunos. Fazendo desta interação, o contato para a busca do universo dos alunos para o caminho coletivo de uma ação social, preocupada com a inversão da lógica dominante, pautada na ação do professor. Preocupada no olhar coletivo e integrador, acolhendo para suas aulas estes princípios de atuação participativa e jogos cooperativos.

Outro ponto relevante é exatamente o impacto que uma atuação cooperativa possui dentro da estrutura social. A idéia do impacto, como diz Freire, é o começo para a conscientização, e a partir dessa, para a transformação. Iniciando nas estruturas institucionais burocratizadas, como a escola (mundo do trabalho), uma crítica contundente ao modelo reprodutor da indústria cultural e suas ações estratégicas, esta é a melhor maneira de questionar a postura competitiva, contribuindo para uma postura ética, de transformação do seu mundo, ou do mundo que faz parte seu universo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Marco Bettine de. *Possibilidade de Intervenção dos Jogos Cooperativos na Educação Física: Alternativa do Profissional para uma Educação Libertária e Ação Comunicativa*. Monografia FEF-Unicamp Campinas 2002.

BAYER, C. *O ensino dos jogos coletivos*. Dinalivro, Lisboa, 1994.

BRANDÃO, Carlos. *Casa de Escola*. Campinas: Papyrus, 1983.

\_\_\_\_\_. *Saber e Ensinar*. 3ª edição. Campinas: Papyrus, 1989.

BROTO, Fabio. *Jogos Cooperativos: se o importante é competir o fundamental e cooperar*. Santos – SP: Projeto Cooperação, 1997.

\_\_\_\_\_. *Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

BRUHNS, Heloisa. Lazer Trabalho e Tecnologia: Refletindo sobre a necessidade de novos conceitos. In: BRUHNS E GUTIERREZ (ORG), *Representações do Lúdico: II ciclo de debates Lazer e Motricidade*. Campinas: Autores Associados. Comissão de Pós-graduação da Faculdade de HANDEBOL da Unicamp, 2001 – (coleção educação física e esportes).

\_\_\_\_\_. O Corpo Contemporâneo. In: BRUHNS, GUTIERREZ (Orgs.). *O corpo e lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000 – (coleção educação física e esportes).

CASTELLANI, Lino. *Educação Física no Brasil: a historia que não se conta*. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994 (Coleção Corpo e Motricidade).

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do Corpo*. Campinas: Papirus, 1995 (coleção Corpo e Motricidade).

\_\_\_\_\_. *Cultura: Educação física e Futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Educação física Brasileira: Autores e atores da década de 1980*. Campinas-SP, 1998 (coleção Corpo e Motricidade).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 20ed. Campinas: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 14ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

GEBARA, Ademir. Nobert Elias e a teoria do processo civilizador: Contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000.

GUTIERREZ, Gustavo. Lazer exclusão social e militância política. In: BRUHNS, *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000 – (coleção HANDEBOL e esportes)

\_\_\_\_\_. *Lazer e Prazer Questões Metodológicas e Alternativas Políticas*. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. Crise de Paradigma sai de cena o Trabalho e entra o Lazer. In: BRUHNS E GUTIERREZ (ORG), *Representações do Lúdico: II ciclo de debates Lazer e Motricidade*. Campinas: Autores Associados. Comissão de Pós-graduação da Faculdade de HANDEBOL da Unicamp, 2001 – (coleção educação física e esportes).

HUIZINGA, 1996:33 johan huizinga homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. 4ed são Paulo: perspectiva,1996.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: neurose*. 9ªedição. Rio de janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. São Paulo: Editora nova, 1994 – (série biblioteca universitária; 32).

TANI, Go [et al]. *Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.